

Ceticismo Moderno

Richard Popkin*

O ceticismo moderno surgiu no século XVI com o renascimento do conhecimento e do interesse pelo antigo ceticismo pirrônico grego, como apresentado nos escritos de Sexto Empírico, e do ceticismo Acadêmico, como apresentado em *De Academica*, de Cícero. O termo “cético” não foi usado na Idade Média e foi inicialmente apenas transliterado do grego. Obras de Sexto Empírico foram publicadas em latim em 1562 e 1569, e em grego em 1621. Edições do texto de Cícero apareceram no século XVI. A nova publicação destas obras aconteceu numa época em que uma questão fundamental a respeito do conhecimento religioso tinha sido levantada pela Reforma e Contra-Reforma – como distinguir o verdadeiro conhecimento religioso do falso ou de opiniões duvidosas? Erasmo negou que isso poderia ser feito, e aconselhou seguir os cétricos, suspendendo o juízo e aceitando as opiniões da Igreja Católica sobre as questões em disputa. O tradutor de Sexto, Gentian Hervet, um padre católico, disse que as opiniões dos pirrônicos constituíam a resposta perfeita e completa ao calvinismo. Se nada pode ser conhecido, então o calvinismo não pode ser conhecido. Os contra-reformistas usaram os argumentos cétricos para construir uma “máquina de guerra” contra seus oponentes protestantes, e os protestantes procuraram mostrar que os católicos destruiriam suas próprias opiniões por causa dos mesmos desafios cétricos.

A mais importante apresentação do ceticismo na época foi a de Montaigne, como apresentada em sua *Apologia de Raimond Sebond*. Montaigne tinha estudado e sido influenciado pelos argumentos de Sexto e Cícero. Ele os reuniu em seu longo e divagante ensaio e modernizou-os para adaptá-los às preocupações do século XVI. Ele também os apresentou numa linguagem vernacular (o francês), que forneceu o vocabulário para as modernas discussões do problema do conhecimento.

O questionamento de Montaigne da evidência para toda alegação de conhecimento, a adequação de todo pretensão critério de conhecimento e a possibilidade de um padrão ético universal colocou desafios a todas as concepções que então estavam sendo apresentadas. A obra de Montaigne tornou-se um *bestseller* na França e na tradução inglesa. Ao levantar dúvidas sobre a tradição intelectual predominante, o esforço de Montaigne é demonstrar um ceticismo geral, não apenas contra o escolasticismo ou naturalismo da renascença mas contra a possibilidade de existir algum sistema de idéias que não pudesse ser posto em dúvida. O discípulo de Montaigne, o padre Pierre Charron, apresentou o ceticismo de uma forma didática que foi muito amplamente lida.

* Artigo publicado originalmente in: Dancy, Jonathan e Sosa, Ernest (org.) *A Companion to Epistemology*. Blackwell Companion to Philosophy, 1997. pp.462-464. Tradução: Jaimir Conte.

Os filósofos do início do século XVII tentaram formular respostas ao novo ceticismo como uma maneira de fundamentar as modernas teorias filosóficas que poderiam justificar a nova ciência. Bacon, Mersenne, Gassendi, Descartes, Pascal, entre outros, tentaram lidar com a ameaça cética que dominava completamente o mundo intelectual.

Mersenne e Gassendi formularam, de maneiras diferentes, um ceticismo mitigado ou construtivo, fazendo grandes concessões ao desafio cético, embora ainda afirmassem que alguma espécie de conhecimento limitado era possível e útil. Mersenne, num diálogo com um cético, que retoma argumentos de Sexto, disse que embora não possamos responder os desafios fundamentais dos cétricos, não importa, porque na realidade temos maneiras de lidar com as questões. Podemos predizer, a partir de uma situação empírica, o que se seguirá, embora não conheçamos as *verdadeiras* causas dos eventos. Podemos ter dúvidas se algum conhecimento metafísico é possível, ao mesmo tempo em que desenvolvemos uma ciência relacionando aparências com aparências.

Gassendi levou isso adiante no que ele chamou de uma *via media* entre o ceticismo e o dogmatismo. Desenvolveu uma hipotética teoria atômica epicurista relativa as aparências em conjunto. Esta forneceria uma sombra da verdade, ao invés da própria Verdade.

Descartes relutou em estabelecer esta certeza limitada. Ele buscava verdades que nenhuma cético pudesse desafiar. Para descobri-las, primeiro adotou um método de dúvida cético, rejeitando todas as crenças que poderiam, sob todas as condições imagináveis, ser falsas ou duvidosas. Rejeitou prontamente as crenças sensoriais porque nossos sentidos às vezes nos enganam. Rejeitou as crenças sobre a realidade física porque o que consideramos ser tal realidade pode apenas ser parte de um sonho. Rejeitou as crenças baseadas no raciocínio porque podemos ser sistematicamente enganados por alguma força demoníaca.

Neste ponto Descartes parece ter produzido um ceticismo maior que o de Montaigne. Mas Descartes passou a perguntar se podemos duvidar ou rejeitar a crença de alguém em sua própria existência. Aqui descobrimos que toda tentativa de fazer isso é imediatamente anulada pela nossa consciência de que, nós mesmos, estamos duvidando. Assim, a primeira verdade que Descartes alegou que não poderia ser colocada em dúvida foi “eu penso, portanto existo” (o *cogito*). A partir desta verdade alguém poderia deduzir o critério de que tudo o que nós clara e distintamente concebemos é verdadeiro. Usando este critério, estabelecemos que Deus existe, que Ele é Todo-Poderoso, o criador de tudo o que existe, e que porque Ele é perfeito, Ele não pode nos enganar. Portanto, tudo o que Deus nos faz acreditar clara e distintamente deve ser verdadeiro. Desse modo a nova filosofia de Descartes é destinada a refutar o novo ceticismo.

O sistema de Descartes tornou-se o principal alvo dos cétricos modernos. Foi criticado por Gassendi, Hobbes e Mersenne porque estaria baseado em dogmas injustificados e injustificáveis. Por que um Deus Todo-Poderoso não poderia nos enganar? Como sabemos que não existe uma verdade para Deus ou para os anjos que é diferente

daquela que somos forçados a aceitar como verdadeira? Por que aquilo que concebemos clara e distintamente deve ser verdadeiro na realidade, e não apenas em nossas mentes? Como sabemos que toda nossa representação (*picture*) subjetiva do mundo, não importando quão certa, não é apenas uma ilusão nossa? Descartes respondeu que tomar essas questões a sério era fechar a porta à razão. Mas este argumento da catástrofe na realidade não responde aos desafios céticos.

Na geração seguinte apareceram análises altamente céticas das partes questionáveis da filosofia de Descartes. Pierre-Daniel Huet procurou mostrar que todas as idéias de Descartes, incluindo o *cogito*, estavam abertas à dúvida. Simon Foucher dirigiu um ataque similar contra Malebranche assim que a filosofia deste foi publicada. Foucher também combateu a tentativa de Leibniz de fornecer um sistema dogmático. A culminação do ceticismo do século XVII apareceu nos escritos de Pierre Bayle, especialmente em seu *Dicionário histórico e crítico* (1697-1702). Bayle combinou todos os tipos de dúvidas para minar tanto a filosofia antiga como a moderna. Ele levantou devastadores desafios céticos contra o cartesianismo, contra o novo racionalismo de Leibniz, contra todos os opositores. Os argumentos no *Dicionário* de Bayle, especialmente em seus artigos sobre o cético grego Pirro de Élis e sobre Zenão de Eléia, colocaram problemas centrais para a próxima geração de filósofos.

Locke propôs uma maneira de evitar o ceticismo ao admitir que poderíamos não ter nenhum conhecimento *real* além da intuição e demonstração, mas que ninguém estava em condições de duvidar de que o fogo é quente, que as rochas são sólidas, etc. A experiência anularia o ceticismo. O crítico de Locke, o bispo Stillingfleet, tentou mostrar que seu empirismo terminaria no ceticismo. Berkeley, educado nos argumentos de Bayle, percebeu que eles poderiam ser voltados contra a filosofia de Locke. Bayle já tinha mostrado que a distinção entre qualidades primárias e secundárias era indefensável. Se as secundárias são subjetivas e existem apenas na mente, as primárias também são. Berkeley insistiu sobre este ponto para conduzir a visão de Locke ao ceticismo total. Alegou ter encontrado uma resposta ao ceticismo ao insistir que a aparência é a realidade, tudo o que é percebido é real.

Hume, um consagrado leitor de Bayle, desenvolveu um ceticismo mais estrito. Não poderíamos conhecer nada além das impressões e idéias. Nosso conhecimento causal, tudo o que está além de nossa experiência imediata, não é baseado em nenhum princípio racional ou justificável, mas apenas numa tendência psicológica natural e inalterável para esperar que as experiências futuras assemelhem-se às que tivemos no passado. Qualquer tentativa para defender nossas inevitáveis crenças em causas, no mundo exterior, ou num 'eu' constitutivo real dentro de nós, termina em absurdo e contradição. Assim, somos conduzidos por qualquer investigação de nossas crenças a um total ceticismo, mas a natureza não nos abandonará a isso; não podemos deixar de acreditar. Assim, Hume conclui, é devido a uma fé animal que nos mantemos vivos e é ela que acalma nossas irresistíveis dúvidas céticas.

O ceticismo de Hume enfrentou dois tipos de respostas que têm desempenhado importantes papéis nas teorias do conhecimento contemporâneas, a teoria realista do senso comum de Thomas Reid e a teoria crítica de Immanuel Kant. Reid, um contemporâneo de Hume, insistiu que embora não pudemos responder aos problemas céticos levantados, ninguém realmente tem dúvidas sobre a existência de causas, do mundo externo ou interno. Nosso senso-comum nos leva a visões positivas sobre estes pontos, e quando o senso-comum entra em conflito com a filosofia, temos que rejeitar as conclusões filosóficas. Hume indicou que concordava com Reid, mas não considerou que esta era uma resposta ao ceticismo. Na opinião de Hume, esta crença forçada é um fato psicológico da vida, mas não um argumento anti-cético.

Kant disse que Hume o despertou de seu sono dogmático e o fez ver quão incertas são nossas alegações de conhecimento. Mas insistiu que Hume tinha feito a pergunta errada. Temos conhecimento indubitável que nos diz alguma coisa sobre toda experiência possível, como, por exemplo, que toda experiência é temporal e espacial. Como tal conhecimento é possível, se não podemos ir além de nosso mundo da experiência? Kant insistiu que a experiência é a combinação de como nós a projetamos e de seu conteúdo. Existem formas de todas as percepções possíveis, e estas são categorias através das quais fazemos juízos sobre todas as experiências possíveis. Se estas correspondem a um mundo para além da experiência, não podemos saber, mas podemos analisar sobre o que podemos estar seguros acerca da experiência possível. Portanto, podemos ter algum tipo de conhecimento, mas nenhum conhecimento de coisas-em-si mesmas.

Kant propôs sua filosofia crítica como uma maneira de resolver os problemas céticos embutidos na filosofia moderna. Ele foi imediatamente atacado como sendo ele mesmo apenas um cético altamente intelectual, uma vez que ele também termina negando nossa capacidade de ter conhecimento necessário sobre o mundo. A filosofia alemã da primeira metade do século seguinte consistiu de tentativas para evitar ou superar o ceticismo implícito na análise de Kant das condições do conhecimento.

Bibliografia

- Bayle, P.: *Historical and Critical Dictionary, Selections*. trans. R.H. Popkin (Indianapolis: Hackett, 1991).
- Charron, P.: *Toutes les Oeuvres de Pierre Charron*, dernière édition (Paris: J. Vallery, 1635).
- Descartes, R.: *The Philosophical Writings of Descartes* eds J. Cottingham, R. Stoothoff and D. Murdoch, 2 vols (Cambridge: Cambridge University Press, 1975).
- Gassendi, P.: *The Selected Works of Pierre Gassendi*, trans. and ed. C. Brush (New York: Johnson Reprint, 1972).
- Huet, P.-D.: *Traité Philosophique de la Faiblesse de l'Esprit Humain* (Amsterdam, 1723).
- Hume, D.: *A Treatise of Human Nature* (1739-40) ed. L.A. Selby-Bigge, revised P.H. Nidditch (Oxford: Oxford University Press, 1978).

- Hume, D.: *Dialogues Concerning Natural Religion* (1779) ed. R.H. Popkin (Indianapolis: Hackett, 1988).
- Mersenne, M.: *La Verité des Sciences entre les Sceptiques ou Pyrrhoniens* (Paris: T. Du Bray, 1625).
- Montaigne, M. de: 'Apology for Raimond Sebond', in *The Complete Works of Montaigne* trans. D. Frame (Stanford: Stanford University Press, 1958).
- Pascal, B.: *Selections* trans. R.H. Popkin (New York: MacMillan, 1989).
- Sextus Empiricus: *Adversus Mathematicos . . . graece nunquam latine...* ed. G. Hervet (Paris: Martin Juvenem, 1569).
- Sextus Empiricus: *Outlines of Pyrrhonism and Adversus Mathematicos* 4 vols (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1917-55).